

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

COMO UMA RAINHA: A VESTIMENTA ENTRE OS MARACATUS-NAÇÃO DE PERNAMBUCO.

Isabel Cristina Martins Guillen

Departamento de História da UFPE

icmg59@gmail.com

Maracatu-nação foi por muito tempo considerado sinônimo de coisas muito negativas, na cultura e na política pernambucanas, desde meados do século XIX, quando surgem nos jornais as notícias da existência de grupos que perambulavam pela cidade, com seus batuques e algazarras. Objeto de muitas reclamações nas páginas desses periódicos, pelo barulho que faziam e por suscitarem brigas e confusões, assistimos ao longo do século XX uma lenta transformação da manifestação, considerada num primeiro momento como bárbara e incivilizada, para símbolo da identidade cultural pernambucana. Mas, a despeito dessa valorização simbólica, a roupa trajada pela corte do maracatu foi sempre considerada sinônimo de mau gosto e pobreza. A despeito do “luxo” com que a corte sempre buscou se apresentar nos desfiles carnavalescos, maracatu era considerado vulgar, espalhafatoso, cafona ou, para atualizar nosso vocabulário, brega. Muitas vezes nossas questões parecem estar muito longe do universo vivido pelos homens e mulheres que ocupam os segmentos populares, suas preocupações, seus desejos e comportamentos, seus valores e gostos. Acredito que o grande desafio tem sido adentrar esse universo e entender práticas e costumes a partir dos significados atribuídos por quem faz a cultura popular. Este é o objetivo deste trabalho, qual seja discutir o vestir-se dentre as práticas culturais dos maracatuzeiros e maracatuzeiras, o valor que atribuem ao luxo, ao brilho e glamour das roupas com que se apresentam no Carnaval, e sua correspondência com as festas religiosas no candomblé e nas rodas de jurema.¹

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Gostaria de, no decorrer deste trabalho, ressaltar a dimensão política das sensibilidades, dos desejos, das identidades, pulsões, comportamentos e emoções, enfim, da *modelação social da pessoa* conforme expressão utilizada por Norbert Elias em *O processo civilizador*. Modelação esta essencial para que a pessoa possa se situar em redes de interdependência, que proporcionam sociabilidade, festa e recursos financeiros, para os quais o vestir-se é essencial. Minhas observações são fruto de participação na vida dos maracatus por quase dez anos, acompanhada de pesquisa documental e de entrevistas de história oral. Mas muitas das observações que farei são o resultado dessa convivência cotidiana com as pessoas que fazem os maracatus, principalmente as costureiras e costureiros, bordadeiras, adrecistas, e todo o processo de “colocar o maracatu na rua”, que envolve a confecção de adereços, estandarte, figurinos, além do vestuário.²

Minhas atividades de pesquisa tiveram, um foco: acompanhar Dona Santa, rainha do Maracatu Nação Elefante, em sua travessia por uma vida bastante longa. Ela nasceu em Recife, em 1877, provavelmente de pais libertos e ou livres, morreu em 1962 e foi enterrada com um cortejo fúnebre digno de qualquer chefe de estado. Provavelmente desde mocinha, antes ainda de se casar, ocupou o lugar de rainha. Primeiro, do maracatu Leão Coroado. E depois que seu marido se transferiu para o Elefante, foi rainha deste último até sua morte. Minhas considerações hoje se voltam para pensar sobre o que foi ser rainha, e como Dona Santa atuou nesse papel numa sociedade que encenava um drama cujo cenário racial é inegável. Dona Santa, cujo nome de batismo era Maria Júlia do Nascimento, foi também uma mãe de santo reconhecida e juremeira afamada (em sua capacidade de fazer feitiços, por exemplo). Durante a grande perseguição aos terreiros levada a efeito nos anos trinta, Dona Santa foi presa, seu peji destruído e sua prisão anunciada nos jornais. Quase quinze anos depois, encontramos Dona Santa como capa de uma importante revista que circulava em Recife, a *Contraponto*, fotografada por ninguém menos que Lula Cardoso Ayres. Poucos anos depois, vemos Santa focada pelas lentes de Pierre Verger, em reportagem da revista *O Cruzeiro*. Nesse curto interregno de menos de 20 anos a rainha saiu da cadeia para o posto de a grande matriarca recifense, ícone da cultura afro-descendente pernambucana. Até sua morte vamos encontrar o seu Maracatu,

² Uma discussão sobre o maracatu-nação como sociedade de corte foi publicada em GUILLEN (2010).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o Elefante, invariavelmente entre os primeiros colocados dos concursos carnavalescos. E sempre que havia ocasião para se mostrar a cultura pernambucana para algum ilustre visitante, era o maracatu de Dona Santa que se apresentava. Transformou-se numa pessoa conhecida por todos na cidade, todos os anos durante os dias de carnaval vamos encontrar fotografias suas nos jornais. Quando morreu, com noventa e dois anos de idade, seu maracatu foi para o museu. Encontra-se no Museu do Homem do Nordeste os pertences pessoais de Dona Santa e de seu maracatu, como instrumentos musicais, coroa e cetro, roupas e mantos, calungas e estandarte. É sobre as roupas de Dona Santa em comparação com as roupas usadas pelas rainhas na atualidade que vamos nos deter a pensar neste trabalho.



Figura 1 Dona Santa, rainha do Maracatu Nação Elefante, 1960. Fotografia de Katarina Real. Fundação Joaquim Nabuco.

Alguns dos vestidos usados em vida por Dona Santa encontram-se preservados no acervo do Museu do Homem do Nordeste. Neles observamos que, a despeito do esforço de conferir às vestimentas sinais de luxo ou riqueza, são todos eles muito pobremente trabalhados, pensando nos materiais utilizados e em comparação com os dias de hoje. Os

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

tecidos predominantes utilizados são o veludo e o cetim, com sobreposições em detalhes, e bordados com pedrarias (predominando a lantejola, miçangas e canutilhos. Por estas vestimentas e por várias fotografias da corte publicadas ao longo das décadas de 1950 e 1960 percebemos que o estilo a Luís XV se mantém, mas as vestimentas sinalizam para as dificuldades materiais que os maracatus tinham de se manter ativos no Carnaval recifense, conforme reporta a historiografia do período. Um detalhe importante a ser observado refere-se ao volume de tecido utilizado na confecção dos vestidos, bastante menor em comparação com os vestidos das rainhas na atualidade. Pode-se notar também, nas fotografias, a ausência, na vestimenta do Maracatu Elefante dos anos 1960, das grandes saias de armar utilizadas nos vestidos das rainhas e de outras desfilantes na atualidade.

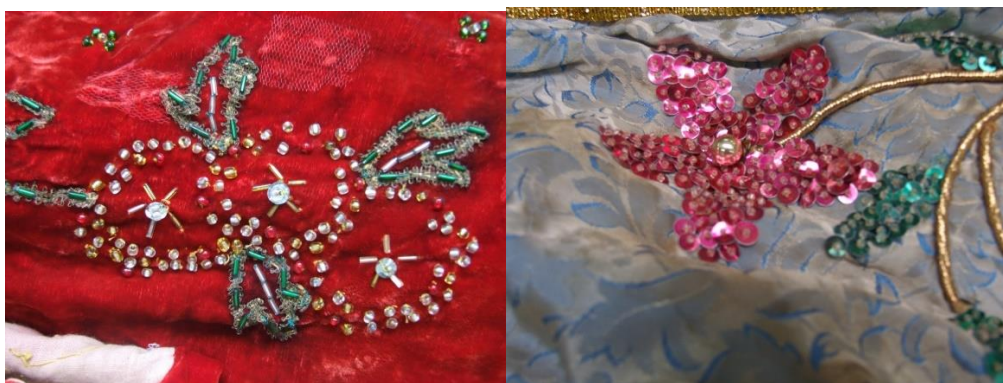


Figura 2 Vestido de Dona Santa, detalhe. Acervo do Museu do Homem do Nordeste

Entre os maracatuzeiros, rainha morta não é rainha posta. A memória de Dona Santa é uma outra longa história, que tem me permitido discutir os jogos de memória, os argumentos legitimadores entre os que fazem o maracatu. A mais importante disputa em torno da memória de Dona Santa ocorreu com a reativação do Elefante no final dos anos 1980, com Dona Madalena assumindo cetro e coroa do maracatu. Ela vai ser, depois de Santa, a grande rainha dos maracatus, ocupando o trono de vários deles – Leão Coroado, quando Dona Santa ainda era viva, Indiano, Estrela Brilhante e finalmente o Elefante recriado. Morre como rainha deste maracatu no início deste século, meses depois do brutal assassinato de sua neta, Rosinete, princesa do Elefante e sua principal articuladora. Há em torno da memória de Dona Santa um jogo que envolve o poder simbólico das rainhas, de sua legitimidade. Brevemente, apenas menciono que Dona Madalena vai contar

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

repetidas vezes que Dona Santa tinha prometido coroá-la o que a legitimava como rainha do Elefante, como sua continuadora! Existem poucas imagens de Dona Madalena paramentada como rainha do maracatu, mas já é nítida a diferença entre os vestidos de Dona Santa e os utilizados por Dona Madalena como rainha do Elefante nos anos 1990. Há muito mais bordados com pedrarias, um volume maior de tecidos utilizados, conferindo a suas vestimentas mais “brilho”, luxo e glamour à apresentação das rainhas. Em muitos depoimentos orais, há referências recorrentes à performance de Dona Elda, do maracatu-nação Porto Rico, como um momento de inflexão nos modos como as rainhas se trajavam e desfilavam. Oriunda das escolas de samba do Rio de Janeiro, em suas primeiras experiências, as vestimentas de Dona Elda parecem ter sido responsáveis por aproximar a estética dos maracatus-nação com as fantasias das escolas de samba, com uma utilização muito maior de pedrarias e outros elementos que conferiram mais brilho e luxo à corte dos maracatus. Na atualidade, os vestidos das rainhas e a vestimenta da corte de modo geral, possui muito mais brilho, luxo e o que os maracatuzeiros e maracatuzeiras consideram refinamento.



Figura 3 Rainha Dona Marivalda, Maracatu-Nação Estrela Brilhante. Inventário Cultural dos Maracatus Nação, 2012. Fotografia de Isabel Guillen

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Neste trabalho vou aproximar os maracatus das sociedades de corte, o que ele efetivamente é. Eu acredito que não devemos pensar as manifestações da cultura popular dissociadas da vida daqueles que as fazem, naturalmente. Mas temos dado pouca atenção aos jogos de poder em que essas pessoas estão inseridas e não temos considerado devidamente que essas manifestações são efetivamente formas de expressão desses jogos de poder. No caso dos maracatus-nação da cidade de Recife, nós teríamos uma pálida ideia da importância desses grupos se o dissociarmos dos movimentos político-culturais dos afrodescendentes na cidade, ou seja, da forma como se posicionam e angariam posições no jogo de poder, nas redes de interdependência não só através dessas manifestações como elas próprias expressam essas mudanças, essa movimentação no tabuleiro, em suas figurações internas, nas mudanças rituais, na sua materialidade e nos investimentos materiais e afetivos que são feitos. E nesse jogo, o vestir-se é fundamental. A forma como a corte do maracatu se apresenta nos desfiles carnavalescos, principalmente a roupa dos reis e rainhas, do tipo de tecido que utilizam, os materiais usados nos bordados e adereços. A rainha deve apresentar-se ao seu súdito enquanto tal, com todo luxo e esplendor para marcar sua posição no grupo, mas também para buscar um lugar privilegiado entre os grupos de maracatus e diante dos outros reis e rainhas.

A formação do maracatu como cortejo real.

O maracatu-nação é constituído de um cortejo real no qual os soberanos, sempre protegidos por um pálio e seguidos por seus súditos e orquestra percussiva, desfilam pelas ruas da cidade de Recife durante o carnaval. Rei e rainha devem sempre estar protegidos pelo pálio, ladeados por escravos que conduzem lanternas, leques, e não permitem que seus mantos arrastem pelo chão. O cortejo é atravessado pela hierarquia, pela importância social conferida pelos papéis em destaque. O cortejo de maracatu é marcado pelo lugar que ocupam rei e rainha, protegidos pelo pálio e seu séquito: embaixador e embaixatriz, príncipes e princesas, duques e duquesas, conde e condessa, etc. Esse grupo ou núcleo é ladeado por lanceiros e baianas, portas-lampião, pajens, leques, e secundado por um grupo de escravos. Todas essas figuras são escolhidas em função de sua posição no grupo ou na comunidade de sentidos que se forma durante o carnaval, e que tem quase sempre correspondência com os lugares de poder nas casas religiosas de candomblé e jurema.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Um príncipe tem sempre uma posição privilegiada entre os membros do grupo e recebe sempre roupas muito luxuosas. As baianas, por exemplo, são figuras de destaque ocupadas por filhos e filhas de santo de prestígio, ou por homens travestidos pois esta figura – a baiana – lhes permite portar fantasias luxuosas e extravagantes, bem como fazer durante os desfiles uma performance que não seria apropriada para um membro da nobreza da corte. Um embaixador ou embaixatriz não roda a baiana! As damas de paço, que conduzem as calungas, representante dos eguns (ancestrais) e elas as damas de paço são sempre filhas de santo prontas, feitas. Depois do rei e da rainha é uma das posições de maior prestígio. A corte respeita uma hierarquia em que posição de prestígio entre os membros do grupo corresponde a um tipo de roupa que recebe com muito ou pouco brilho, luxo e materiais mais ou menos nobres. É frequente no maracatu, por exemplo, alguém ficar profundamente ofendido se receber um traje que não considera digno de sua posição. Muitas vezes intrigas são urdidas em torno das roupas, o que faz com que bordadeiras e costureiras entrem nesse jogo de influências com vantagens. E é obvio, há toda uma etiqueta, modos de se portar exigidos de acordo com o prestígio de cada um. Um lanceiro pode ficar bêbado durante o carnaval, mas não a dama do paço ou o rei ou a rainha! Até porque há uma série de interditos ritualmente impostos a muitos membros da corte, mas são em sua grande maioria religiosos.

O préstito real é anunciado pelas alegorias do grupo (elefante, leão coroadado, peixe, etc), porta estandarte seguidos pelas damas do paço que portam as calungas – símbolo dos ancestrais/ guardiões e vivificadores da herança cultural ou da tradição. É nesse sentido que se pode entender que os maracatus são figurações que expressam o lugar desses homens e mulheres negros nessa sociedade. A forma como essa figuração vai se constituir depende do modo como cada grupo consegue se inserir nas redes de interdependência que forma a grande festa do carnaval, como conseguem ampliá-las em redes de sociabilidade que lhes rendem prestígio e visibilidade. E recursos financeiros, naturalmente.

Nesse processo civilizador os rituais têm exercido um papel fundamental, principalmente os rituais religiosos. Os grupos de maracatu formam redes de sociabilidade que cobrem todo um ano que culmina no ritual festivo de desfile carnavalesco. Durante o ano, diversos membros participam de atividades dos terreiros e cumprem suas obrigações para com os

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

orixás ou mestres da jurema. O desfile carnavalesco é precedido de uma intensa atividade de preparação (ensaio do batuque, costura e bordado de fantasias) que incluem rituais que dão condições de limpeza ritual para que o maracatu possa ir para as ruas.

O maracatu **encena uma história da escravidão**, coloca em cena um passado escravista em que os negros são reis e rainhas, secundados por uma corte luxuosa, portanto rica, que sai às ruas com solenidade e magnificência. Se o maracatu é a carnavalização das hierarquias sociais em sua costureira inversão, é preciso estar atento que os brincantes sempre dizem: “maracatu é coisa séria”. Séria por que pertence ao santo, séria porque tem que ser tratado com respeito. Séria porque não é uma brincadeira qualquer... Não é uma troça! E é levado a sério por aqueles que o fazem, já muitos maracatuzeiros dedicaram sua vida inteira à “brincadeira”, como Dona Santa, Luis de França, Madalena, e muito outros... Por que? O que o maracatu dá a esses grupos – além de uns momentos de diversão? Quais são seus ganhos em termos de posição nas redes sociais?

Ora, para entender essa questão, é necessário, como afirma Elias, compreender que todo processo civilizador ocorre em constante ligação com as lutas de diferentes estratos sociais e outros agrupamentos. Tensões e lutas, tanto quanto as dependências mútuas de pessoas constituem parte integral da estrutura da sociedade, afetando decisivamente a direção em que ela mudou. E o carnaval pode ser considerado um grande palco onde esse drama foi e continua sendo encenado.

O carnaval como um processo civilizador.

O Recife civiliza-se! Este foi um mote que muito orgulho propiciou às elites pernambucanas diante dos aparatos da modernidade que adentravam o cotidiano e os hábitos dessas pessoas, que passavam a ocupar as ruas em footing e passeios para ouvir as retretas das bandas. Ou tomar sorvete depois do cinema, ou mesmo um chá com torradas nas confeitarias da moda. Talvez para se deparar nessas mesmas ruas com o moleque descalço a vender amendoins e o capoeira a querer acompanhar as bandas em pernadas infernais e inevitáveis arruaças! E a necessidade de civilizar hábitos dos populares aparece cotidianamente nos jornais da primeira metade do século XX. A zombar dos costumes africanos presentes nos maracatus, dos incautos que se tornam

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

vítimas dos espertalhões catimbozeiros, das crendices populares, e de seus diversos divertimentos que propiciam palco para todos os vícios e baixas torpezas, demonstrando o total descontrole emocional que percorriam os pastoris e brincadeiras de bois. No carnaval então, era um deus nos acuda!

O processo civilizador não se restringiu à mudança de hábitos e autocontrole emocional das elites que se envergonham dessa face de Recife, pois a “transformação da existência social como um todo é a condição básica para civilizar-se a conduta.” Houve em Recife em vários momentos da história da cultura popular e de suas “brincadeiras” investimentos massivos nesse autocontrole para que as tensões sociais não encontrassem no carnaval ou outros momentos de manifestação das expressões culturais populares canais de expressão. Controles diversos foram estabelecidos ao longo dessas décadas que vão disciplinar o carnaval e exercer o controle sobre essas tensões sociais que se expressavam afetiva e/ou emocionalmente. A constituição dos rituais carnavalescos (desfiles e suas regras) tem uma história própria em Recife, e está intimamente relacionada à forma como essas comunidades de afrodescendentes vão criar para si visibilidade e prestígio com as redes de interdependência dos grupos de maracatu e outras agremiações, e também com os grupos de elite (jornalistas, grandes comerciantes, intelectuais, políticos, etc.), que desejam normatizar a festa momesca. Já para o início do século XX nós temos notícias de que os maracatuzeiros tinham uma preocupação em se apresentar bem pelas ruas cidade. Encontro, por exemplo, notícias de que o Maracatu Oriente Pequeno tinha passado pela sede de um jornal para prestar homenagens, e de quebra ganhou do jornalista a afirmação de que se apresentara com luxo e garbo. Esse maracatu, por exemplo, era de Adama, famoso capoeirista e que vai morrer poucos anos depois vítima de uma briga em um pastoril. Para os anos de 1930 a 1950, apesar da criação da Federação Carnavalesca em 1935 e o início da distribuição de subsídios para as agremiações, parte significativa do numerário que financiava o carnaval era angariada com negociações e trocas com políticos, comerciantes e comissões de moradores de ruas que se organizavam para convidar as agremiações para desfilarem em sua rua e dessa forma promover um bom carnaval entre vizinhos e amigos. Esta é uma prática existente até os dias de hoje, pois é comum na periferia da cidade que vereadores, deputados, candidatos, grandes comerciantes no local façam um palanque e paguem às agremiações para desfilarem no local.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Esta é uma prática que foi de certa forma institucionalizada pela prefeitura ao primar por um carnaval descentralizado e criar os pólos nos bairros. Os maracatus e outras agremiações não deixavam de desfilar no centro da cidade, porque nas ruas de comércio também se formavam comissões para organizar o carnaval, enfeitando as ruas, iluminando e oferecendo prêmios, assim como os jornais promoviam concursos para que os leitores votassem nas agremiações que melhor se apresentassem em frente às suas sedes. E acima de tudo, as agremiações desfilavam em frente ao palanque da Federação Carnavalesca, e outras associações que formaram ao longo dessas décadas e que objetivavam organizar o carnaval (Comissão de Cronistas Carnavalescos, Comissão Organizador do Carnaval, etc.) Ou seja, o carnaval e sua organização foi sempre um palco de disputa entre os grupos de elite e suas concepções sobre cultura popular, tradição e carnaval. E qual o lugar que os negros devem ocupar, no carnaval e na sociedade. Nos anos 1970-1980, por exemplo, há uma disputa ferrenha em torno do samba e do frevo, já que as escolas de samba cresciam a números assustadores (havia mais de 40 escolas). Foi quando inventaram o carnaval participação e tentaram acabar com as arquibancadas e com os concursos carnavalescos. Sobre os maracatus não temos evidências, mas em relação às escolas de samba, por exemplo, brigaram renhidamente para manter o desfile da Federação, sinalizando que para esses grupos o ritual já era um elemento importantíssimo na sua economia simbólica. Hoje, posso dizer que para os maracatus o desfile/ concurso tem uma importância fenomenal, e nada sinaliza que nos anos 1970-1980 tenham se colocado contra as escolas de samba ou a favor do carnaval participação. Vencer a disputa (ganhar o carnaval, levar pra casa o prêmio) significa angariar uma moeda forte nessa rede de interdependência que lhes confere prestígio e poder. A briga hoje é muito séria! E já era séria nos anos 1960 em diante, quando havia uma diferença muito grande de recursos financeiros para os maracatus melhores colocados e os que não se saíam bem nos desfiles. Sem falar nas disputas simbólicas que enviam os dirigentes de cada grupo, com seus terreiros e filhos e filhas de santo.

Uma vasta pesquisa feita nos jornais pernambucanos nos anos 1960 a 2000 – décadas que viram aparecer e ganhar visibilidade os movimentos negros, teatro negro, afoxés, escolas de samba, ascensão dos maracatus, etc – sinaliza o esforço que uma parcela da sociedade e intelectualidade pernambucana fez para manter os negros no seu lugar. Não apenas que

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

eles aceitem ficar nos mocambos, mas que aceitem o lugar do inferior, que se misturem e se transformem em quase-brancos, mas não negro. Para que uma negritude, uma diferença não fosse proclamada. Para que suas manifestações culturais ocupassem o lugar já a elas consagrado: folclore, o lugar do morto como tão bem colocou Michel de Certeau. Para os negros e negras, desfilarem no carnaval, com luxo e esplendor, no Recife, não é uma brincadeira inocente. Tem lhes permitido não só ocupar o espaço público – ainda que carnavalizado – com a dignidade de reis e rainhas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Festas: máscaras do tempo*. Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996.

ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho. A formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo, Humanitas/ FFLCH-USP, 2004.

BENJAMIN, Roberto. Dona Santa e Luiz de França: gente dos maracatus in: SILVA, Vagner Gonçalves da. *Memória Afro-Brasileira. Artes do Corpo*. São Paulo, Selo Negro, 2004, pp. 54 - 76.

CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Campinas, Papyrus, 1995.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2001.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1993, 2 vol.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Guerra Peixe e os maracatus no Recife: trânsitos entre gêneros musicais (1930-1950). *ArtCultura. Revista de História, Cultura e Artes*. Vol. 09, n.14, jan-jun 2007, p. 235-252.

GUILLEN, Isabel C. M. A corte do maracatu-nação. Luxo e refinamento na cultura popular? In: RAMOS . Alcides Freire; MATOS. Maria Izilda Santos de, PATRIOTA Rosângela. (Org.). **Olhares sobre a História. Culturas, sensibilidades, sociabilidades**. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 213-230.

LIMA, Ivaldo Marciano de França; GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *A cultura afro-descendente no Recife; maracatus, capoeiras e catimbós*. Recife, Edições Bagaço, 2007.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero. A moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 10.

LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, Elyette. *O luxo eterno. Da idade do sagrado ao tempo das marcas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *Sociologia e Antropologia*, São Paulo, Cosac & Naif, 2003.

REAL, Katarina. *O folclore no carnaval do Recife*. Recife, Editora Massangana, 1990.

SILVA, Leonardo Dantas da. A calunga de Angola nos maracatus do Recife. In: SILVA, Leonardo Dantas da. *Estudos sobre a escravidão negra*, Recife, Ed. Massangana, 1988(a), vol. 2 pp. 13-53.

SILVA, Leonardo Dantas. A corte dos reis do congo e os maracatus do Recife. *Notícia bibliográfica e histórica*. Campinas, PUC, nº 184, 2002, pp. 43 – 64.

SILVA, Leonardo Dantas. A instituição do Rei do congo e sua presença nos maracatus in: SILVA, Leonardo Dantas (org). *Estudos sobre a escravidão negra*, Recife, FUNDAJ / Ed. Massangana, 1988(b).

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.